

# Florestan Fernandes: pensamento crítico latinoamericano e desocidentalização da sociologia<sup>1</sup>

Edna Castro<sup>2</sup>

---

## INTRODUÇÃO

Florestan Fernandes nos deixou um legado intelectual, que permanece da maior importância, para se entender a sociedade brasileira e a América Latina. Uma leitura necessária nesses tempos conturbados em que vivemos. Este artigo objetiva ressaltar a contribuição de Florestan Fernandes ao pensamento social crítico latino-americano. Inúmeras obras suas se curvam sobre os problemas e os dilemas da América Latina,

---

<sup>1</sup> Este trabalho foi originalmente preparado para minha participação na *Mesa Redonda Florestan Fernandes e a América Latina: a saturação da desigualdade* no Seminário *Atualidade e urgência de Florestan Fernandes: aprendizado para o Serviço Social* organizado pelo Programa de Pós-graduação em Serviço Social, do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, da UFPA, no dia 28 de julho de 2021, atendendo ao convite da Profa. Maria Antônia Nascimento, e revisto e ampliado para esta publicação.

<sup>2</sup> Professora Emérita da UFPA, vinculada ao Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA) e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS). Coordenadora do Grupo de Trabalho Estado, Território, Trabalho e Mercados Globalizados/GETTAM/NAEA. Autora em co-autoria, dentre outros dos livros: *Decolonialidade & Sociologia na América Latina* (Ed NAEA/UFPA, 2018) *Pensamento Crítico Latinoamericano*, publicado pela ANNABLUME e CLACSO, (2020).

razão do seu reconhecimento como pioneiro da sociologia crítica. Ele empreendeu profunda revisão teórico-metodológica de autores clássicos e contemporâneos da sociologia, considerando as dimensões da história e do trabalho empírico no esforço intelectual de formular uma sociologia crítica e comprometida com a realidade social. Sua contribuição é a partir de um olhar contextualizado para além da sociologia de seu tempo sobre as estruturas e os processos de transformação da sociedade brasileira no desenvolvimento da ordem capitalista.

Este artigo está dividido em três partes, a primeira votada para o pensamento de Florestan Fernandes na formação da sociologia crítica brasileira e seu singular reconhecimento em outras áreas afins. Na segunda parte mostramos o interesse de Florestan Fernandes em analisar a relação colonial no Brasil, sobretudo, nas obras publicadas a partir dos anos 1950 e 1960 e suas reflexões sobre os acontecimentos relacionados às Ditaduras Militares ocorridas na América Latina e no Caribe, e a Revolução Cubana. Desenvolveu análises sobre as classes sociais, a composição das elites, da burguesia nacional e do proletariado, e os elos com o capitalismo, a questão racial e a desigualdade social. Na terceira parte nos dedicamos a mostrar a contribuição de sua obra sobre os dilemas da América Latina desde as análises sobre a questão colonial e racial, a desigualdade e a violência reveladas de forma densa contra os povos indígenas, os negros, os grupos excluídos nas cidades latinoamericanas, nos bairros pobres, nos *cerros*, nas favelas e nas baixadas. E no amplo leque de processos de trabalho e de organização social que conforma o mundo camponês.

A profundidade teórica e o pensamento de Florestan Fernandes permitiu formar gerações de cientistas sociais ao longo do tempo e imprimiu um outro patamar à sociologia brasileira. Considerado

fundador de uma nova sociologia no Brasil, participou também da construção crítica da sociologia latino-americana, ressaltando as práticas empiricamente observadas e os processos sociais de caráter macrosociológico. Por isso, Fernandes é reconhecido por muitos como um pioneiro do pensamento crítico latino-americanos ao lado de outros autores, contribuindo assim à crítica da razão colonial e das estruturas da dominação de classe e de raça que imperam ainda hoje como estruturas estruturantes nessas sociedades.

## **1 FLORESTAN FERNANDES: PENSAMENTO CRÍTICO E SOCIOLOGIA BRASILEIRA**

O sociólogo Florestan Fernandes deixou em seu legado intelectual uma enorme contribuição ao pensamento crítico no campo da sociologia no Brasil, estando entre os pensadores pioneiros das ciências sociais latinoamericanas em sua fase de consolidação, a partir de meados do século XX. Desde cedo, na sua carreira, colocou-se questões fundamentais de ordem teórica e empírica. Essas seriam retomadas ao longo de sua trajetória acadêmica. Os temas abordados são extremamente importantes e entre os principais, encontramos: revolução social, revolução burguesa no Brasil, estruturas de classes; dilemas brasileiros e latino-americanos; capitalismo, dependência, desenvolvimento, subdesenvolvimento; relação colonial e relação racial; negro na sociedade brasileira; inserção do Brasil na América Latina e Revolução Cubana. Questões que se desdobraram ao longo de suas pesquisas, abrindo possibilidades de reflexão sobre a organização complexa e as dinâmicas da realidade social. Inicia pelos estudos

etnológicos sobre a organização social dos índios Tupinambá e a função da guerra nessas sociedades.

Octavio Ianni (1986) considera que Florestan Fernandes é o fundador da sociologia crítica no Brasil, pois ele “*inaugura uma nova época na história da Sociologia brasileira*” (..). “*uma nova interpretação do Brasil*” (1986) para a reflexão teórica e a interpretação da realidade social, seja pela possibilidade de releitura crítica de autores e obras como Silvio Romero, Oliveira Vianna, Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freire, entre outros, seja para retomar ou ampliar teses esboçadas por Euclides da Cunha, Manoel Bonfim, Caio Prado Júnior, entre outros (IANNI, 1986). O legado deixado por Fernandes à sociologia é amplo, diverso e profundo. Dialogou com autores clássicos e contemporâneos, e formulou contribuições originais para a sociologia crítica, como nas obras de caráter teórico *Fundamentos empíricos da explicação sociológica* e a *A natureza sociológica*.

As lutas sociais são reveladoras da sociedade brasileira para Florestan Fernandes. Vários livros esclarecem os embates, as tensões e trazem contribuições ao seu entendimento como os livros sobre os Tupinambá, sobre os negros, mudanças e classes sociais, tais como: *A organização social dos Tupinambá*, *A integração do negro na sociedade de classes*, *O negro no mundo dos brancos*, *Mudanças sociais no Brasil* e *A revolução burguesa no Brasil*.

Ele se dedicou à pesquisa sobre negros em São Paulo e sobre a escravidão desde os trabalhos de pesquisa com Roger Bastide, ao longo dos anos 1950, e depois ainda, passando em revista a escravidão, o racismo, o trabalho, o lugar do negro na sociedade de brancos, e que daria origem à fantástica obra *A Integração do negro na sociedade de classes*, publicada em 1964, sua tese e livre docência. Coloca para análise

o processo de integração nacional e se pergunta sobre os dilemas das novas dinâmicas de industrialização e de urbanização no país, a desigualdade social, e se preocupa em entender as relações entre passado e presente e de projetar possibilidades epistemológicas, políticas, para se pensar a ordem social e a democracia a construir. Assim, nos anos 1950, Florestan Fernandes publica várias obras que revelariam uma mudança no desenvolvimento da perspectiva mais crítica da sociologia no esforço de entender a realidade brasileira, para além do pensado.

Os estudos sobre a questão racial, o racismo e a escravidão revelam como foi deixado à população negra lugares de exclusão, de pobreza e de marginalidade, explicitando a desigualdade social. A relação colonial e o lugar do negro e do índio na sociedade brasileira estão postos em seus trabalhos desde as suas problematizações preliminares de pesquisa. Suas análises sobre a realidade brasileira contestam a ideia de convívio harmonioso entre negros e brancos no Brasil, bem como revelam as práticas sociais e as estratégias políticas do Estado em incentivar a crença no *branqueamento*, e as teses de Gilberto Freire que aproximam a Casa Grande da Senzala. Fernandes descreve como “mito da democracia racial”, pois para ele nunca existiu democracia racial em um país como o Brasil, que não conseguiu jamais incluir o negro na sociedade de classes com a passagem do trabalho escravo ao trabalho livre.

Florestan Fernandes é reconhecido no campo acadêmico como o sociólogo que forjou as bases teóricas e metodológicas da sociologia no Brasil, portanto, um construtor da sociologia brasileira cuja obra continua a inspirar a reflexão de novas gerações. Heloísa Fernandes considera que ele trabalhou arduamente em prol da construção da sociologia moderna no Brasil. Na introdução à antologia *Florestan Fernandes, Dominación y desigualdad: el dilema social latino-americano* (FERNANDES, 2008), ela

elabora uma síntese sobre o que a literatura fala de sua obra e destaca, entre outras referências: que criou uma nova compreensão brasileira da sociologia, portanto é fundador de uma nova interpretação do país, sendo uma referência necessária; adota a perspectiva especificamente sociológica de interpretação com uma linguagem comprometida com o rigor teórico e metodológico; e se trata de uma obra em primeira pessoa, escrita e pensada com fortes marcas autobiográficas.

Formou muitas gerações nos fundamentos teóricos e empíricos da explicação sociológica. Coordenou programas de pesquisa que conformaram o campo da investigação das ciências sociais no Brasil, escreveu mais de 40 livros sobre temas distintos, produziu dezenas de artigos, e deu aulas, entrevistas e conferências em diferentes lugares do mundo. A reflexão da comunidade científica e também de coletivos organizados em torno de projetos políticos sobre sua trajetória é expressa na quantidade de livros, de artigos, de teses, de dissertações, de documentos, de filmes e de entrevistas feitas em lugares diferentes do Brasil que mostram o interesse vivo no seu trabalho e a atualidade de seu pensamento. É difícil contabilizar quantos estudos se debruçaram sobre sua obra, para conhecer, aprender e construir um diálogo com seu pensamento e encontrar possibilidades abertas para outros caminhos de superação epistêmica.

A obra de Florestan Fernandes é ousada e comprometida com o conhecimento da realidade brasileira e latino-americana e de seus processos de transformação, temporalidades e estruturas sociais. No livro *Mudanças sociais no Brasil* percorre várias dimensões constitutivas dessa realidade que identificava no fim dos anos 1950 e destaca as diferenças econômicas entre regiões do país e as particularidades dos processos de dominação nas relações de trabalho, das relações raciais

entre negros e brancos, em contexto de capitalismo dependente, e questiona as dinâmicas da realidade social, suas origens e tendências.

O tema da revolução social é um dos mais recorrentes em sua obra, e o examina a partir da reflexão teórica, como dilema, problema, prática social e política. Interroga em várias obras os fundamentos dos processos de transformação social. Os livros *A Sociologia numa era de revolução social* traça um cenário ampliado do que representa a sociologia como desafio teórico para entender as dinâmicas sociais e as classes sociais. Em *A revolução burguesa no Brasil* várias teses são examinadas e reexaminadas a partir de uma outra perspectiva teórica. E o texto sobre a revolução cubana revela um Florestan Fernandes de aguda percepção da relação colonial e imperialista na América Latina, com a obra *Da guerrilha ao socialismo: a revolução cubana*. Os estudos sobre a América Latina se tornariam mais presentes com o desenvolvimento de seu interesse em adotar a reflexão inspiradora do pensamento dialético e do marxismo que aprofunda e alarga sua percepção crítica. Reexamina questões e dilemas latino-americanos comuns, como as contradições sociais, a desigualdade, os vínculos históricos, entre a relação colonial e a racial, a relação do real com o pensado.

Florestan Fernandes exerceu o ofício de sociólogo direcionado ao ensino, à pesquisa e à participação ativa na vida social do país, com debates, entrevistas, textos acadêmicos, políticos e jornalísticos. É um intelectual completo no sentido também de ter uma visão abrangente que atravessa vários campos disciplinares.

Sua origem de classe, as experiências e os desafios de vida que atravessou enquanto filho de uma empregada doméstica, e sua inserção ainda criança no trabalho o acompanharia em toda a sua trajetória profissional e política e teria contribuído para seu olhar profundo sobre

a complexidade das relações sociais, da interação social, das estruturas e dos processos sociais, sobre os quais refletiu e teorizou em várias obras. Esse percurso provavelmente tem a ver com suas escolhas de pesquisa, de questões e inquietações, e da percepção dos dilemas principais que enfrentava a sociedade brasileira.

Na rua, nos trabalhos informais, e depois em outros semi-estruturados, Florestan Fernandes se emprenha na leituras de autores compondo a parte autodidata de sua formação. Consegue entrar na Universidade de São Paulo, no Curso de Ciências Sociais, curso este muito novo ainda para assegurar espaços no mercado de trabalho. Grande parte da literatura sobre sua trajetória nos informa os passos dados, ao interior da Universidade, seu empenho extraordinário, a construção de uma carreira brilhante que se destacaria das demais de sua época, no campo da sociologia e ciências afins. Da pesquisa etnológica sobre os índios tupinambá no correr do mestrado e do doutorado que deram origem a dois livros seminais<sup>3</sup> que demarcam as análises que descobriram um Brasil invisibilizado ou pouco reconhecido e valorizado, e a compreensão de temas que viriam a tratar mais adiante sobre a formação de classe no país.

Da carreira docente, um incansável formador de sociólogos, de pensadores comprometidos com seu tempo enquanto professor no Ensino Superior, na USP, desde 1945, assistente de Fernando Azevedo que foi seu orientador de mestrado e doutorado, e depois em outras experiências universitárias no Brasil. Em 1953, torna-se professor titular interino da mesma universidade, cadeira anterior de Roger Bastide. Usou a cátedra em várias universidades no mundo, para ministrar aulas, fazer conferências e participar de debates.

---

<sup>3</sup> A organização social dos Tupinambá (1947) e A função social da guerra na sociedade Tupinambá (1951).

Na prática, o olhar atento de Fernandes ia para entender os dilemas, os processos de intervenção e a transformação social, um olhar a partir das bases, manifestado em vários momentos e atos. E por excelência no trabalho dos dois mandatos, como deputado federal eleito pelo Partido dos Trabalhadores (PT), para fazer parte da Assembléia Nacional Constituinte que forjou Constituição Cidadã de 1988. Sua atuação é destacada na Campanha em Defesa da Escola Pública, desde o final da década de 1950, e sustentou a bandeira do ensino público laico, gratuito e de qualidade como direitos inalienáveis do cidadão brasileiro. Dos dilemas do Brasil, as bandeiras políticas da redução da desigualdade social e a melhoria da educação pública atravessam seu trabalho parlamentar.

## **2 RAZÃO COLONIAL E FORMAS DE DOMINAÇÃO NO CAPITALISMO DEPENDENTE**

Temporalidades, ritmos diferentes, acelerados ou não, mudanças sociais e econômicas e as transformações sociais e no mundo do trabalho são temas articulados e analisados por Fernandes em um país que vive ainda uma *transição* do trabalho escravo para o trabalho livre. Os efeitos são recorrentes nos processos de servidão, *locus* que foi privilegiado no contexto dos estudos sobre capitalismo dependente e no seu esforço de entender os dilemas das sociedades brasileira e, posteriormente, latinoamericanas. As estruturas de produção tradicionais, em diversos setores, mas notadamente examinados no mundo rural, na agricultura, nas relações de trabalho advindas do crescimento da industrialização e da urbanização, com ampliação do mercado de trabalho urbano, são alteradas em graus diversos e com intensidade variada na dinâmica histórica.

Por outro lado, com o correr do tempo, entre a década de 1950 e a de 1960 foi se consolidando um conjunto de empresas do setor industrial, no movimento de substituição de importações desde as simples, de consumo primário, às mais complexas de bens de produção. Inclui-se aí as empresas de grande porte que organizavam os setores estratégicos do desenvolvimento industrial. Elas se adequaram a fluxos e demandas do mercado interno, e tendo em vista responder às mudanças nos intercâmbios internacionais de produtos, materiais e tecnologias. Mas, apesar de tais mudanças, permanecem e, em certas situações, até mesmo se reforçam as formas tradicionais de dominação do trabalho e seus vínculos estruturais com as práticas e o imaginário colonial-escravista.

Florestan Fernandes, analisa as relações entre dominantes e dominados no processo histórico de desenvolvimento do capitalismo e mostra como os problemas cruciais da sociedade brasileiras estão a ele conectados: a exclusão, a desigualdade social, a exploração da classe burguesa sobre os trabalhadores, pobres, excluídos e localizados nas fímbrias da sociedade como consequência do colonialismo e do racismo, dos processos históricos estruturantes da ordem social dominante e de sua reprodução colonial. O livro *A Revolução Burguesa no Brasil* (1975) desenvolve a tese de existência de uma revolução burguesa no Brasil, realidade de um país dominado por outros países no processo colonial.

No livro *Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina* (1973) faz uma análise fundamental sobre as raízes coloniais e escravistas, e as classes sociais no Brasil no contexto de um capitalismo dependente e de suas formas de dominação e subordinação, conforme nomeia, e que marcaram até o presente a sociedade brasileira. Traça relações entre dominação estrutural e dependência capitalista como parte de uma herança colonial em comum com demais países latinoamericanos.

Analizou, assim, a composição das classes sociais e suas contradições de forma exaustiva, e seus processos políticos como a revolução burguesa no Brasil, e as lutas sociais por direitos, contra a desigualdade e a pobreza, a exclusão à escola, e à violência colonial, de classe e racial.

Um dos pontos importantes na formulação da teoria da dependência é a incursão na história das sociedades latinoamericanas, ainda que sob uma visão estruturalista, como recurso metodológico para entender as estruturas constitutivas dessas sociedades unidas pela trajetória colonial e escravista, e subordinação de povos indígenas ou de africanos, e que ainda estruturam as relações de classe na contemporaneidade. Hoje, os povos indígenas estão em luta, embora seja uma permanência de mais de 500 anos, em defesa de seus direitos à terra, à vida, e as suas escolhas culturais. Os negros no Brasil estão de prontidão para se defender do genocídio impetrado a cada dia. Essa problematização que é pioneira em Florestan Fernandes, é também da maior atualidade como dilema nacional.

Fernandes, questiona a relação entre esses mundos diversos, que conformam o país, mundos aparentemente separados, mas que interagem nos circuitos de produção e de comercialização e geram riquezas que reproduzem a estrutura desigual da sociedade, processos esses que são arrolados no conjunto das análises sobre o capitalismo dependente que entende como selvagem, justamente com o avanço da fronteira industrial que não se faria, como nos mostra Chico de Oliveira. Sem as formas de dominação reproduzidas ao longo do tempo e do território nacional, e em todas as regiões, do trabalho não pago ao trabalho informal e a uma série de formas de existência de grupos sociais o de relações servis e escravas predominando no mundo rural, mas também camuflados nas cidades.

O desenvolvimento como macro narrativa imperou nas teorias do século XX, mas sob outra formulação também se encontra entre nossas fontes clássicas da sociologia. A relação fundamental sociedade x natureza sempre foi a de retirar desta os recursos com potencial para transformar em mercadorias, pois no imaginário se trata sempre de fontes inesgotáveis. Ao longo do desenvolvimento capitalista, cada vez mais bens com valor de uso passam a ter valor de troca, a medida que se intensifica o processo de mercadorização e da destruição do mundo natural, incluindo nele a espécie humana.

Diversas análises têm se dedicado ao entendimento das consequências da modernidade e que destacam as tensões entre ordens sociais diferentes. Aqui nomeamos, de forma simplificada, a ordem tradicional e a ordem moderna, e sua relação com o tempo e o ritmo das mudanças. As noções de tempo e de espaço foram revolucionadas em diversos momentos da modernidade sem, no entanto, interromper o curso das narrativas dominantes.

No Brasil os discursos de construção da nação que se fortalece nos anos 1950 e seguintes obscureciam as contradições de classe social, de cor, o racismo e a desigualdade social. Certamente o nacional-desenvolvimentismo reafirmou, como ideologia, a crença no planejamento como estratégia para alcançar patamares mais elevados do crescimento econômico. O projeto de nação com grandes obras de infraestrutura incentivou a industrialização e o processo de modernização do país e de integração conservadora, conquistas do grande sertão central e da Amazônia, antigos sonhos das elites nacionais e de militares. A leitura dos documentos do Instituto Superior de Estudos Brasileiros, o ISEB, revela o debate travado sobre as ideias, lugares e circulação que dominavam as áreas governamentais, acadêmicas, empresariais

e políticas e a formulação de políticas econômicas para o progresso nacional, no correr dos anos 1950 e 1960. Fernandes dialoga com esse universo intelectual e sua reflexão sempre manteve o distanciamento crítico com as questões do desenvolvimento/subdesenvolvimento examinados no campo do capitalismo selvagem. E revela o teor do embate de ideias que se trava nesse período extremamente tenso das lutas e da revolução social no Brasil e na América Latina em geral.

Não teriam esses discursos de construção da nação obscurecido, no Brasil, as contradições internas, as diferenças sociais de classe e de cor, tencionadas na década de 50 e seguintes com os processos de industrialização e urbanização crescentes? O nacional-desenvolvimentismo não logrou afirmar a ideologia e a crença no planejamento como estratégia para alcançar patamares mais elevados do crescimento econômico? A leitura dos documentos do Instituto Superior de Estudos Brasileiros, o ISEB, revela o debate travado sobre as ideias, os lugares das ideias, e sua circulação em áreas governamentais, acadêmicas, empresariais e políticas e a formulação de políticas econômicas para o progresso nacional, no correr dos anos 1950 e 1960. Nesses anos as contradições de classe no Brasil, visíveis sob a aparente acomodação promovida pelos discursos nacional-desenvolvimentistas, foram aprofundadas. Crescem as greves de trabalhadores em todas as regiões do país e a demanda por reformas, por um outro projeto de sociedade que certamente dividiu grupos com tendências políticas diversas. Os anos 1960 conheceram convergência de vários movimentos sociais e ações coletivas.

Fernandes, mostra como o exame das formas de dominação do trabalho são estruturais da sociedade brasileira, e com base nas análises sobre temporalidades mostra a permanência, no tempo e no espaço, do

padrão dominante, da relação de classe com a espoliação, alienação e subordinação, permitindo avançar uma formulação mais abstrata da permanência da desigualdade social, do padrão desigual e da violência social instaurados no tecido social como herança colonial.

As contradições de classe no Brasil se exacerbaram. Cresceram as greves de trabalhadores, as lutas camponesas e a demanda por outro projeto de sociedade que divide grupos com tendências políticas diversas, eclodindo lutas nos anos 1960 e a convergência de vários movimentos sociais.

As fontes clássicas fundamentais consideradas na obra de Florestan Fernandes que todos nós tivemos de ir para compreender a formação do pensamento sociológico, consideram o conceito de trabalho como estruturante das interpretações sobre a sociedade capitalista. Em Marx a noção não só é fundamental como uma síntese, mas que ao mesmo tempo abre as perspectivas teóricas da interpretação sobre os processos de concentração e acumulação. Mas é em Weber, na teoria da ação, e do seu sentido, que a noção de trabalho é chave no entendimento da cultura e do desenvolvimento do capitalismo. Para Durkheim, restringimo-nos ao aporte clássico das análises da divisão social do trabalho, e de seu papel nos sistemas de representações, nas sociedades modernas, que influenciaram por muito tempo as novas interpretações .

Os estudos sobre o trabalho tiveram a atenção voltada sobretudo à compreensão das mudanças, dos regimes de acumulação e das crises do capitalismo procurando acompanhar de perto a emergência de novas tecnologias. Um debate extremamente interessante sobre a pertinência e a reprodução, apesar da modernização, de saberes de populações tradicionais sobre recursos naturais e suas estratégias de uso e de exploração comercial. E, no entanto, esses saberes têm atualizado

processos de trabalho e padrões de gestão que continuam a compor o cotidiano da produção de muitas regiões, como a Amazônia e presentes na totalidade dos países latino-americanos (CASTRO, 1999)<sup>4</sup>.

Como refere-se Toledo (2021) ao prefaciar o livro Florestan Fernandes. Trajetória, memórias e dilemas do Brasil (SOARES e COSTA, 2021) os ensaios ali publicados consideram que o pensamento crítico de Florestan Fernandes tem a ver com sua compreensão e convicção marxistas e os ideais socialistas compartilhados nos coletivos políticos que integrou desde jovem. Talvez possamos dizer que o pensamento crítico se formou na relação com a política, e na lida com o marxismo, como intelectual comprometido com as mudanças e a realidade sócio-histórica, pois reconhece de forma rigorosa a história como chave de leitura e de entendimento do presente, mas também pelos encontros com intelectuais latino-americanos de língua espanhola como José Carlos Mariátegui. Sua obra expressa esse vínculo essencial entre sociologia e militância socialista, um espaço tencionado e criativo. Para Ianni, Fernandes teve em Mariátegui<sup>5</sup> e em Aníbal Quijano<sup>6</sup> dois interlocutores peruanos importantes na construção da crítica colonial. Quijano evidenciou justamente a força da colonialidade como estrutura de poder e Mariátegui com sua insistência em reler o marxismo e pensar as estratégias de construção do socialismo a partir do pensamento original indígena, ou das bases populares. Fernandes rompe de certa

---

<sup>4</sup> CASTRO, Edna - Tradição e modernidade: a propósito de processos de trabalho na Amazônia. **Novos Cadernos NAEA**, Belém, v. 2, n. 1, p. 31-50, dezembro, 1999.

<sup>5</sup> MARIATEGUI, J. C. Sete ensaios de interpretação da realidade peruana. Prefácio de Florestan Fernandes. São Paulo: Ed. Alfa-Omeg, 1975.

<sup>6</sup> Ver obra de QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In*: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO - Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005. p. 117-142.

maneira com a formulação da sociologia na crítica ao imaginário eurocêntrico, colonial e racista, que obscurece o entendimento da realidade social, econômica e política.

### **3 FLORESTAN FERNANDES: SOCIOLOGIA CRÍTICA LATINOAMERICANA E DECOLONIALIDADE**

A história da América Latina, da *Abya Yala* é marcada pela incompletude de narrativas que se impuseram a partir do (*des*) *cobrimento* até o presente. O passado foi silenciado, negado, obscurecido pela violência da dominação do sistema colonial que permanece e se reproduz internamente nas práticas e no imaginário social do presente. O que contar às novas gerações da longa história dos povos originários que ocupavam as Américas? Uma pergunta que nos acompanha e nos apunhala pelo consentimento histórico ao seu silenciamento, apesar de datar em milênios a presença de povos indígenas nesses vastos territórios. O obscurecimento se consolidou através de macro narrativas dominantes, do capitalismo, da ciência (razão), da política (lógica da ação), e da religião (a fé), acionando dimensões objetivas e subjetivas.

Falamos de povos indígenas muito diferentes entre si, com seus saberes e suas práticas culturais, estruturas linguísticas e de comunicação, que conformam complexos sistemas de conhecimento. Um longo caminho nos separa da história pré-colonial, pouco referida, pouco reconhecida, como sinaliza Porto-Gonçalves (2005). Há diferentes lógicas e diferentes culturas, formas de pensar, de existir, de comunicar-se. Trata-se da experiência social construída no meio ao imaginário hegemônico marcado pelos cânones da colonialidade herdada da colonização europeia. Em inúmeros países latino-americanos, a pesquisa comprometida com o que se passa no local, tem revelado as tensões

internas e os processos de resistência vindos da diversidade social e de saberes enquanto sistemas organizados de conhecimento com eficácia histórica de longa duração, e atualizado na vida cotidiana.

Florestan Fernandes analisa a ordem global capitalista, e imperialista, e suas funções sistêmicas que reúnem as sociedades do Norte e do Sul, e as diferentes na estrutura de poder e na colonização epistêmica. Pensa na perspectiva da crítica ao capitalismo na América Latina, associada a questões de classe, raça, gênero e etnia. As contribuições à crítica do capitalismo, à dependência, às relações coloniais e raciais, e às classes sociais são encontradas em muitos escritos de Fernandes, e seus desdobramentos sobre a desigualdade, embora ainda seja uma questão saber se representa uma ruptura essencial ao giro epistêmico da perspectiva decolonial encontrada em autores que conformam a geração atual desses estudos, como, Dussel, Quijano, Lander, Lucones, Grosfoguel, Segato, Porto Gonçalves, Spivak, Mignolo, Escobar, Santos, entre outros.

A construção das críticas ao capitalismo presente em Fernandes é uma grade de macro-análise. E nessa perspectiva há uma aproximação com outros autores latino-americanos na construção de um campo da crítica ao eurocentrismo ou seja, aos fundamentos de suas teorias e de sua lógica, presentes como ponto de partida também em autores como Aimé Césaire (2010), Said (1996) e Fanon (2008). Assim, Florestan Fernandes abre novas possibilidades da pesquisa sociológica ao participar do debate que teve como eixos os temas desenvolvimento, industrialização, dependência, marginalidade, agricultura e comércio internacional, debate esse produzido sobretudo a partir do materialismo histórico e da teoria marxista. Momento em que se vive a influência das reflexões e das rupturas vindas da Teoria da Dependência, da Teologia da Libertação, dos grupos de literatura e da música crítica, dos Círculos

de Cultura Popular, entre outros movimentos e debates. De certa forma, houve uma aceitação acadêmica e política da perspectiva crítica formulada ao inferior da Comissão Econômica para países da América Latina/CEPAL, que se irradiava também para fora da academia.

A aproximação de Florestan Fernandes com autores de outros países se fez com continuidade, seja pela sua presença no debate intelectual, seja ainda pela sua intensa participação política no apoio à Revolução Cubana. Aproximação e circulação de ideias no quadro dos debates políticos em grupos de reflexão marxista. O pensamento acadêmico a partir das lutas sociais, de uma ciência engajada como imaginara Fernandes, ciência com compromisso de desvendar, de desalienar, ou de intervir. Encontramos diversas trajetórias de pensadores latino-americanos em diferentes países como José Carlos Mariátegui, Franz Fanon, Paulo Freire, José Martí, Camilo Torres, Eduardo Galeano, Orlando Fals Bordas, Héctor Nahuelpán Moreno, Guerreiro Ramos, Gabriel García Márquez, Sueli Carneiro, Lélia Gonzalez. Clóvis Moura. Mais recentemente, autores de vários países reunidos na perspectiva crítica decolonial, ou aproximações diversas, como Enrique Dussel, Anibal Quijano, Octavio Ianni, Maria Lugones, Eduard Lander, Maristela Svampa, Arturo Escobar, Carlos Valter Português-Guimarães, Edna Castro, Boaventura de Souza Santos, Silvia Rivera, Rita Segato, Alberto Acosta, Lélia Gonzalez, Adélia Ribeiro, Walter Mignolo, Paulo Martins, José Vicente Tavares dos Santos, entre muitos outros.

Renan Freitas Pinto (2018) chama atenção para a contribuição de Florestan Fernandes e Octávio Ianni ao pensamento latinoamericano no campo da sociologia e das ciências sociais levando em conta o compromisso para compreender as raízes do neocolonialismo, do imperialismo e das diferentes formas de dependência e subordinação

da América Latina às estruturas de poder global. Nesta perspectiva, suas ideias os colocam na linha de frente como pioneiros do pensamento decolonial, junto com outros autores que produziram rupturas epistemológicas seminais no pensamento latinoamericano.

As ideias de Florestan Fernandes e Octavio Ianni sobre a América Latina, como mostram as suas obras, refletem uma percepção profunda das dinâmicas históricas e contemporâneas dos países e de sua complexidade. Em outra perspectiva analítica, as obras de Guerreiro Ramos trazem uma inquietação teórica essencial nos estudos sobre industrialização, circulação de ideias e dependência.<sup>7</sup>

A colonização durou séculos, arraigou-se como partes do mundo do outro, sem o ser. Os movimentos de descolonização não lograram desmontar as estruturas coloniais marcadas e dominadas pelas redes de interesses do sistema mundo capitalista. Uma apropriação dos mundos diversos - de saberes sobre si, sobre a natureza, outro modo de relação com o tempo e o espaço da natureza - existentes para impor a eles um pertencimento ao mundo capitalista e à modernidade. Para Quijano (2005) a colonialidade está no imaginário, nas relações sociais, nas formas de mando e de classificação de sujeitos, no seio dos colonizados. Em sua formulação crítica à razão colonial e ao conhecimento como poder e colonialidade, Mignolo (2008) justifica que a sociologia latino-americana tem um papel importante no debate epistêmico, o que significa sua constante vigilância à difusão de conceitos e interpretações marcadas por construções ocidentais que obscurecem a diversidade

---

<sup>7</sup> No livro *A redução sociológica*, de Guerreiro Ramos (1967), no esforço de produzir um olhar rigoroso sobre as narrativas sociológicas dominantes na segunda metade do século passado, elabora uma crítica sobre as ideias, o conhecimento e as tecnologias que eram importados de países industrializados, e aplicados acriticamente, no Brasil. Ele chama de *redução sociológica* o processo de *desalienação* que passa primeiro pelo reconhecimento do que é o outro, no sentido profundo da reconstituição do eu.

do saber, no mundo. Pensar a decolonialidade é se propor ao exame rigoroso das bases constitutivas da colonialidade e sua interiorização como demonstra Fanon (2008) e se referem Bernardino-Costa e Grosfoguel (2016), um processo a ser rompido dentro do próprio país que não deixa de continuar colonizado, ainda que *independente*, e por isso se fala da decolonialidade das sociedades latinoamericanas.

Assim, a colonialidade e a decolonialidade vão além do que foi a colonização, como processo, e, por isso o transcende. As então colônias européias nas Américas, na África e na Ásia, que lograram movimentos insurrecionais prolongados pela libertação e autonomia, pela descolonização, não chegaram a romper com as estruturas de dominação, pois, ao interiorizá-las, como argumenta Fanon (2008), as absorveram internamente como sistemas coloniais, conforme sua experiência em sociedades no Caribe e no norte da África. Foram muitas lutas sangrentas nos países latino-americanos, de colonização espanhola, portuguesa e francesa, ou na Argélia e no Vietnã, frente à colonização francesa, em Moçambique e Angola, ex-colônias de Portugal.

Florestan Fernandes busca respostas aos dilemas da sociedade brasileira e latino-americana, como as relações coloniais e raciais, e submete à crítica o corpo teórico, os entendimentos da realidade social, e as possibilidades de fundar um olhar da sociologia a partir do Brasil e da América Latina. Descolonizar o imaginário tem sido, para muitos intelectuais latino-americanos, desde os pioneiros em meados dos anos 1950, e de outros continentes, o principal desafio das ciências sociais por estar o pensamento, e o conhecimento, marcados pela “colonialidade do poder”, e de saber como se refere Ianni (1986) e Quijano (2005), ao indicarem a perspectiva crítica marxista e o método dialético, como essenciais às novas abordagens que permitam uma desocidentalização.

A perspectiva decolonial é, portanto, epistêmica e política. Um trabalho sobre o imaginário, sobre o conhecimento e a necessidade da vigilância epistêmica, o exercício da crítica argumentativa, para lograr uma inversão do olhar, das práticas e do imaginário. O poder colonial se erigiu sobre as forças de trabalho, a exploração do trabalho, a servidão, a escravidão - é essencial entender o trabalho como dimensão da possibilidade da modernidade. Mas o trabalho do outro, a força de trabalho era explorada à exaustão pois esse outro - o escravo, o servo -, existiam somente enquanto corpos para o trabalho. Narrativas sobre corpos disformes, inúteis e substituíveis, mentes vazias de saber e de imaginação, ausência de alma e de desejos. Mas, contrariando tal narrativa, esses corpos e mentes eram a essência e a possibilidade da modernidade, e, por isso, sua exploração constituía a razão colonial em si. O lugar atribuído pela colonização ao índio e ao negro, de inferiorização extrema, é a marca da relação racial e da racialização que ficaria mantido no tempo através de processos de refiguração, de interiorização e de estabelecimento de hierarquias, tendo a *metrópole* como modelo e imagem. Essa problematização atualizada pelo pensamento crítico latinoamericano como contribuição epistêmica está presente de forma original nas obras de Florestan Fernandes.

A trajetória dos estudos sociológicos na América Latina mostra o interesse de intelectuais, de grupos de pesquisa, e de instituições, voltado ao entendimento das dinâmicas sociais que conformam cada sociedade, seu imaginário e seus processos históricos. Florestan Fernandes participa desse movimento, como se pode constatar pela sua produção relevante em textos, entrevistas e debates. Um legado expressivo pelo esforço de renovar as abordagens teóricas e o marxismo como dimensão do entendimento das similitudes e diferenças na formação social e econômica de cada país. Uma agenda voltada às questões da

sociedade no contexto político de suas contradições e desigualdades de classe e de raça. Trata-se de um século de reflexão sociológica onde se encontra o esforço em produzir rupturas epistemológicas, revisão de teorias e perspectivas de análise no movimento de construção da crítica à ocidentalização do conhecimento.

Na crítica às bases de constituição do conhecimento eurocêntrico, no campo das ciências sociais, tem havido, sobretudo, desde os anos 1920 a produção de uma reflexão por parte de intelectuais latino-americanos e ativistas de movimentos sociais, ainda marginal que considera, como principal desafio imposto à reflexão sociológica, à descontração de saberes coloniais, e de seus fundamentos, ou seja, de descolonizar o pensamento sociológico, o desocidentalizar (MARIÁTEGUI, 1975; FANON, 2008), marcado pela ‘colonialidade do poder’, segundo Quijano (2005), Florestan (1975) e Ianni (1986). Uma dimensão persistente na marginalização do lugar, na teoria ocidental, segundo Escobar (2003) é a das consequências do pensamento sobre as realidades submetidas, historicamente, ao colonialismo ocidental<sup>8</sup>.

A sociologia e os sociólogos brasileiros tem dificuldade de se auto definirem latinoamericanos, como se estivessem fora desse universo

---

<sup>8</sup> O domínio do espaço sobre o lugar tem operado como um dispositivo epistemológico profundo do eurocentrismo na construção da teoria social. Castro (2018) comenta no livro *Decolonialidade e Sociologia na América Latina: O conceito de lugar adotado por Escobar (2008)*, para construir uma teoria da globalização, requer uma etnografia que torne visíveis outras epístemes presentes no universo do conhecimento do mundo, e ainda, as emergentes. Retirar dos lugares que se encontram sujeitos e culturas, pela sua condição de subalternizados, esvaziados de saberes por não serem considerados visíveis ou relevantes de ser e estar no mundo. A ciência ocidental se construiu como “processo civilizatório” que precisava negar o “outro” como dimensão comparativa para poder erigir “outro patamar do desenvolvimento”. Precisava aniquilar o “outro” que não era seu semelhante, nem mesmo pela catequese cristã, pois mentes vazias que tinham como referência deuses pagãos, e, portanto, vazios de conhecimentos, de lógicas e de sistematizações” (CASTRO, 2019).

identitário, de sua história colonial, escravocrata e de desenvolvimento capitalista comum. Também têm reduzida informação sobre a sociologia produzida nos demais países latino-americanos de língua espanhola. Isso fica evidente na pouca circularidade de ideias, de obras e de autores. E atinge mesmo aqueles países com reflexão relevante e com uma trajetória consistente em obras, grupos de pesquisa e publicações como o México, a Colômbia, a Venezuela, a Argentina, a Costa Rica, entre outros. Desconhecimento sobre trajetórias de grupos e linhas de investigação, e de abordagens a partir de uma perspectiva crítica. Importante também identificar os limites das Ciências Sociais e de seu diálogo com o movimento literário, o movimento da arte em diversas expressões, notadamente a música e o teatro, e os movimentos sociais, apesar deles terem demarcado a crítica social em inúmeros países (BOFF e MOREIRA, 2018). Essa constatação provavelmente teria influenciado a pouca circularidade de ideias, autores e obras de brasileiras em países de língua espanhola nas Américas, e, por conseguinte, também a relativa repercussão da obra de Florestan Fernandes, apesar de o mesmo ter produzido importante reflexão sobre os dilemas e a realidade latinoamericana.

Mais recentemente, esse movimento presente no pensamento crítico latinoamericano desde a primeira metade do século XX tem reunido intelectuais de vários países latino-americanos, em diferentes situações, para pensar os dilemas postos no passado e no presente para essas sociedades. É o caso da produção sociológica em torno do Grupo Modernidade/decolonialidade e das abordagens pós-colonial/decolonial, teorias feministas decoloniais, estudos subalternos e reflexões sobre raça e racialização, e os processos de interseccionalidade. Nesse contexto intelectual e disruptivo a obra de Florestan Fernandes tem sido

revisitada, analisada e ganha maior visibilidade em espaços mais amplos dos países da América latina, como pensamento pioneiro da crítica colonial, decolonial, em função das questões teóricas, metodológicas e conceituais que representam uma contribuição seminal para a construção de uma interpretação original a partir do pensamento e da realidade latino-americana.

As releituras feitas sobre a obra de Florestan Fernandes de maior cunho político, sociologia como projeto intelectual que se aproxima ao encontro do fazer político, continua fecundo: não somente nas organizações sociais, sindicais e populares, no diálogo com a educação e o pensamento de Paulo Freire, no exame de teses nos âmbitos de organizações socialistas e/ou democráticas, no movimento negro, mas também nas instituições universitárias, nas organizações como algumas Associações Científicas de Ciências Sociais, o Conselho Latino-americano de Ciências Sociais, CLACSO e faculdades ligadas a rede FLACSO e ao debate plural que se faz entre intelectuais de esquerda, muitos ainda inspirados na crítica à economia política marxista, como os movimentos sociais no mundo do trabalho, de organizações e suas expressões de gênero, raça e etnia. Porém, cabe ressaltar que há associações científicas, no Brasil e em outros países da América Latina, que não se constituíram em espaços privilegiados na difusão do pensamento crítico, e político, na dimensão profunda do entendimento de Florestan Fernandes, sociologia como compromisso e engajamento na transformação da sociedade, embora tenham se constituído como espaços informais de debate, de crítica, de aprofundamento e de circulação de ideias<sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup> Os temas dos últimos congressos da Associação Latino-Americana de Sociologia (ALAS) tem sido mais amplos no sentido da crítica social, com uma produção significativa nos Grupos de Trabalho que circulam como leituras críticas e

Salienta-se, nesse debate, lacunas enormes deixadas pela sociologia ao longo do tempo, como os impactos da relação de gênero sobre a própria construção da sociologia. Autoras latino-americanas, embora, sempre presentes no debate teórico, na formulação do pensamento crítico na construção da sociologia, observa-se um apagamento histórico de sua presença. Refletiram, enquanto intelectuais, sobre temas da sociedade com recortes de gênero, raça e classe social, da literatura à ciência. Estariam as mulheres realmente desinteressadas em entender o mundo social? Certamente que não. Pesquisas recentes mostram o pensamento de mulheres, de pioneiras e de contemporâneas, e sua contribuição na construção da teoria sociológica e dos fundamentos da interpretação social. Uma revisão crítica rigorosa está em curso e tem sido publicadas obras fundamentais de multares ao redor do mundo.

Os estudos pós-coloniais, subalternos e o feminismo latinoamericano decolonial, incluindo vertentes do feminismo negro, e do pensamento de mulheres indígenas, tem refundido, resemantizado, contribuindo com o giro epistemológico e a revisão rigorosa de conceitos, categorias, abordagens e interpretações sobre o Brasil e sobre a América Latina, submetendo portanto também à crítica a construção masculina das ciências sociais (LUGONES, 2014; DAVIS, 2016; CARNEIRO, 2003, SEGATO, 2012).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intenção, ao examinar o pensamento de Florestan Fernandes a partir da perspectiva da sociologia crítica no Brasil foi de contribuir

---

compromissadas com uma nova ordem social democrática.

para se pensar a produção intelectual nos demais países da América Latina. O distanciamento observado talvez tenha contribuído para uma circulação menor de ideias e da obra de Fernandes naqueles países, além de reconhecermos os limites da língua portuguesa, as vezes por nós menosprezados. É realmente extraordinária a construção de trajetórias no âmbito da sociologia por parte de autores, de obras, de instituições, de disciplinas e seus conteúdos ministradas nas universidades. Em especial, no campo da pesquisa teórica e empírica a contribuição de Florestan Fernandes é notável o que assegura o aprofundamento que ocorreu no debate com demais intelectuais latinoamericanos como Fals Borda e Anibal Quijano.

Cabe ressaltar que essas questões que estão sendo aprofundadas pelo pensamento crítico latinoamericano na atualidade, encontra avanços de forma original nas obras de Florestan Fernandes, sobretudo aquelas relacionadas às análises sobre a revolução social, as classes sociais, a desigualdade e o capitalismo dependente, uma giro epistemológico original na formulação da época. Portanto, pioneiro na construção de bases epistemológicas e históricas para o debate sobre colonialidade-decolonialidade, como procuramos apresentar neste artigo. Trata-se de um século de reflexão sociológica na América Latina no esforço em produzir rupturas epistemológicas, revisão de teorias e perspectivas de análise no movimento de construção original e contextualizada da crítica à colonização pela ocidentalização do conhecimento.

Certamente, a sociologia latino-americana tem um papel importante no debate epistêmico, o que significa sua constante vigilância à difusão de conceitos e interpretações marcadas por construções ocidentais do saber e sua validação, como também atentar para a contribuição de mulheres pioneiras latino-americanas na formulação da

sociologia crítica. Entende como um exercício epistêmico, o de liberar a compreensão do conhecimento para poder entender as contradições que o acompanham, inclusive gênero. O campo intelectual, enquanto um campo relacional, caracteriza-se justamente por esse embate teórico que se trava entre ideias, balanço de experiências, rupturas e desconstrução dos fundamentos dos conceitos e das interpretações. A construção do conhecimento não é alheia às estruturas de poder, e aos jogos políticos, como qualquer outro campo da sociedade.

## REFERÊNCIAS

BERNARDINO-COSTA, J.; GROSGOUEL, R. Decolonialidade e perspectiva negra. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 31, n. 1, p. 15-24, 2016.

BOFF, R. B.; MOREIRA, A. de S. - ¿Soy America Latina? a relação dos brasileiros com a identidade latino-americana. *In*: CASTRO, Edna; FREITAS PINTO, Renan - Decolonialidade e Sociologia na América Latina. Belém, NAEA/UFPA, 2018.

CARNEIRO, S. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. *In*: Ashoka Empreendimentos Sociais & Takano Cidadania (org.). **Racismos contemporâneos**. Rio de Janeiro: Takano, 2003. p. 49-58.

CASTRO, E. Epistemologias e caminhos da crítica sociológica latino-americana. *In*: CASTRO, Edna; FREITAS PINTO, Renan (org.). **Decolonialidade e Sociologia na América Latina**. Belém: NAEA/UFPA, 2018. p. 25-52.

CASTRO, E. **Pensamento crítico latinoamericano**. São Paulo, Editora Annablume/CLACSO, 2019.

CASTRO, E.; FREITAS PINTO, E. R. **Decolonialidade e Sociologia na América Latina**. Belém, NAEA/UFPA, 2018

CASTRO, E. **Tradição e modernidade: a propósito de processos de trabalho na Amazônia**. Novos Cadernos NAEA; Vol 2, No 1, jul-dez 1999. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/article/view/200>

CÉSAIRE, A. **Discursos sobre o Colonialismo**. Blumenau: Letras Contemporâneas, 2010.

DAVIS, A. 1994. **Mulheres raça e classe**. Tradução de Henci Regina Candiani, 1.ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: Edufba, 2008.

FERNANDES, F. **A organização social dos Tupinambá**. São Paulo, 1947

\_\_\_\_\_. **A função social da guerra na sociedade Tupinambá**, 1951.

\_\_\_\_\_. **Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

\_\_\_\_\_. **A revolução burguesa no Brasil**, Ed. Zahar, 1975.

\_\_\_\_\_. **A integração do negro na sociedade de classes**. São Paulo: Editora FFCL/USP, 1964.

\_\_\_\_\_. **A sociologia numa era de revolução social**, 2ª edição ampliada, Rio de Janeiro, Zahar, 1976

\_\_\_\_\_. **A natureza sociológica da sociologia**, São Paulo, Editora Ática, 1980

\_\_\_\_\_. **Mudanças sociais no Brasil**, São Paulo, Difel, 1974

Florestan Fernandes: pensamento crítico latinoamericano e desocidentalização da sociologia

FERNANDES, H. **Florestan Fernandes, un sociólogo socialista**. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Siglo del Hombre Editores, 2008.

FREITAS PINTO, R. Octavio Ianni e a “redescoberta” da América Latina. *In*: CASTRO, Edna; FREITAS PINTO, Renan (org.). **Decolonialidade e Sociologia na América Latina**. Belém: NAEA/UFGA, 2018. p. 81 – 98.

IANNI, O. Florestan Fernandes e a formação da sociologia brasileira. *In*: IANNI, Octavio (org.). **Florestan Fernandes**. São Paulo: Ática, 1986. p. 7-45.

LUGONES, M. **Rumo a um feminismo descolonial**. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 22, n. 3. p. 935-952, setembro-dezembro, 2014.

MARIATEGUI, J. C. **Sete ensaios de interpretação da realidade peruana**. Prefácio de Florestan Fernandes. São Paulo: Ed. Alfa-Omega, 1975.

PORTO-GONÇALVES, C. W.; QUENTAL, P. de A. Colonialidade do poder e os desafios da integração regional na América Latina. **Revista Latinoamericana - Polis**. Santiago, n. 31, p. 1-33, 2012.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In*: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO - Consejo Latinoamericano de Ciências Sociales, 2005. p. 117-142.

RAMOS, A. G. **Introdução crítica à sociologia brasileira**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.

SAID, E. **Orientalismo. O Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SEGATO, R. L. **Gênero e colonialidade**: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial. E-cadernos CES [Online], 18, dezembro 2012. Disponível em: URL: <http://journals.openedition.org/eces/1533>.